

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

MONIQUE RUTLER –“ISTO VAI MUDAR!”

17 de Setembro de 2024

O ABORTO NÃO É UM CRIME / 1975

Realização e Produção: Cinequipa para a série Nome-Mulher | RTP – Departamento de Programas Culturais
Realização não creditada: Monique Rutler *Autoria da série:* Antónia de Sousa, Maria Antónia Palla *Neste episódio (nomes creditados na versão para cinema de 1977):* Maria Antónia Pala [Maria Antónia Palla], Susana Ruth Vasques, Alexandre Gonçalves, José Manuel Gonçalves, Carlos Alberto Lopes, Vítor Estevão, José Luís Carvalhosa, Monique Bairrão [Monique Rutler], José Nascimento, João Matos Silva.

Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (digitalização pela Cinemateca no contexto do PRR; original em película 16 mm, posteriormente transcrito para vídeo), preto-e-branco, cópia correspondente à transmissão televisiva do filme e mantendo a indicação do respectivo intervalo, 52 minutos *Primeira emissão televisiva:* 4 de Fevereiro de 1976 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Abril de 2014, com CLÍNICA POPULAR COMUNAL DA COVA DA PIEDADE, Margarida Gil, 1975; PARA TODO O SERVIÇO, Margarida Gil, 1976 (“25 de Abril, Sempre Parte 1. O Movimento das Coisas | Acção e Intervenção”).

NOTA texto do cartão introdutório da cópia digitalizada que vai ser apresentada: “Em 1976, a emissão televisiva do filme O Aborto Não É Um Crime produzido originalmente para a RTP pela Cinequipa gerou uma enorme polémica que culminou num processo judicial contra Maria Antónia Palla, coautora do filme e o seu rosto mais visível. Neste contexto, a Cinequipa produziu em 1977 uma segunda versão do filme para exibição em sala de cinema. Esta versão é cerca de cinco minutos mais curta, diferindo da versão televisiva no genérico de abertura e fim, e retirando os dois momentos em que Maria Antónia Palla fala directamente para a câmara. Esta omissão prende-se já com o referido processo judicial movido contra a jornalista. Esta cópia digital corresponde à versão televisiva. No final, mostra-se o genérico de fim da versão cinematográfica.”

NOTA texto do cartão da versão para cinema de 1977 (no genérico de fim): “Após a exibição do filme na RTP, foi desencadeada uma torpe campanha anti-aborto pelos partidos fascistas e de direita, pela Igreja e pela Ordem dos Médicos, pedindo a instauração de processo crime, através do Ministério dos Assuntos Sociais, contra as pessoas que colaboraram na realização do filme e que posteriormente vieram a ser inquiridas pela Polícia Judiciária. Foram as classes trabalhadoras que mais apoiaram e defenderam o filme. Para elas vai também a nossa militância.”

NASCER: A GRANDE AGRESSÃO / 1982

Realização, Montagem: Monique Rutler *Produção:* Cinequanon, RTP para a série Viagem Através do Homem *Autoria do programa:* António Terrinha *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Operador de som:* Vasco Pedroso *Electricista:* Amadeu Lomar *Assistente de imagem:* Vasco Rio Bom *Poemas ditos por:* Laurinda Ferreira *Colaboração:* Jardim Infantil do Povo.

Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (digitalização 2K de uma cópia síncrona 16 mm com som magnético (conservada na Cinemateca) pela Cinemateca no contexto do PRR, cor, 25 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA anunciado como sendo um título a apresentar em cópia 16 mm (double band), *Nascer: a Grande Agressão* vai ser projectado em digital.

COM A PRESENÇA DE FERNANDO MATOS SILVA, JOÃO MATOS SILVA E JOSÉ NASCIMENTO

Nome-Mulher. Diz muito, o título da histórica série de programas que, como outras do panorama televisivo português, isto é, da RTP, dos anos 1970 pós-Abril, se alicerçava no debate social-político-cultural do país libertado da ditadura mas não do seu lastro. Da autoria de Antónia Sousa e Maria Antónia Palla, a cargo da Cinequipa (também responsável pelos filmes da série Ver e Pensar), foi concebida à volta de questões adjacentes à condição feminina e às lutas das mulheres no período revolucionário. Como fazia sentido na época, era assinada pelo colectivo, no caso, a Cinequipa, não creditando as autoras, nem a realizadora, Monique Rutler, cujo nome, como Monique Bairrão, surge entre a equipa de colaboradores de *O Aborto Não É Um Crime* na versão para cinema de 1977 (Maria Antónia Palla, Susana Ruth Vasques, Alexandre Gonçalves, José Manuel Gonçalves, Carlos Alberto Lopes, Vítor Estevão, José Luís Carvalhosa, Monique Bairrão [Monique Rutler], José Nascimento, João Matos Silva).

É um dos quarenta e seis títulos da série Nome-Mulher. O número de programas produzidos foi adiantado por Maria Antónia Palla na Cinemateca, em 2014, e é um número não necessariamente equivalente ao dos programas emitidos, uma vez que, por exemplo, *Mulheres que Lutaram*, *Mulheres que Lutam*, com Maria Barroso, Margarida Tengarrinha e Isabel do Carmo, nunca chegou a ser transmitido. Foi também aquele que ditou o fim da série, começando por suspendê-la: a polémica associada ao assunto é um dado de partida de *O Aborto Não É Um Crime*, que a própria Maria Antónia Palla apresenta numa sequência inicial, olhando directamente para a câmara e explicando a pertinência e a urgência do filme, como um “assunto que permanece tabu” e de que é importante falar, “falar sem sofismas”, tendo em conta factos como o cálculo do número de cem mil abortos praticados por ano em Portugal, clandestinamente e num rácio que equivaleria à prática de um aborto por cada nascimento.

Traduzindo a corajosa militância cívica envolvida na concepção de um filme destes, que explicitamente aborda as questões do aborto e da contracepção em 1975, as palavras que abrem *O Aborto Não É Um Crime* revelam ainda a preocupação de acautelar os espectadores preparando-os para o poder de choque (de algumas) imagens, para além da evidente controvérsia de um debate que ainda hoje, cinquenta anos depois de 1974 e aprovada a lei da despenalização da interrupção voluntária da gravidez de 2007, ainda agita águas na sociedade portuguesa. Em 1975, Maria Antónia Palla dizia assim: “O problema do aborto afecta as mulheres de todas as camadas sociais e sobre o qual se fala pouco por simples hipocrisia porque todos nós conhecemos mulheres que abortaram, muitas de nós fizeram abortos e simplesmente o assunto permanece tabu. [...] Nós não podemos continuar a fechar os olhos e a deixar que centenas de mulheres, milhares de mulheres, em todo o ano, em cada dia, em cada hora, em cada minuto, façam perigar a sua vida pelo facto de abortarem em circunstâncias degradantes, humilhantes, que não podem ser consentidas a um ser humano.”

É ainda enunciado que o filme divulga a experiência de um grupo de trabalho a decorrer “nos arredores de Lisboa”, dedicando-se à divulgação dos métodos contraceptivos e de aborto. Registrando discussões de grupo (na Clínica Popular Comunal da Cova da Piedade, a mesma de *Clínica Popular Comunal da Cova da Piedade*, um dos primeiros trabalhos de Margarida Gil, 1975) em sequências filmadas em contraluz, *O Aborto Não É Um Crime* integra a explicação detalhada de métodos abortivos no decorrer de uma acção de trabalho, o registo de uma intervenção clínica captada em grandes planos, e ainda uma detalhada exposição de planeamento familiar por uma enfermeira no dispensário materno-infantil de Odivelas. Reportando acontecimentos da actualidade portuguesa da época, o propósito pedagógico do filme revela o empenho da luta que foi preciso travar em várias frentes em Portugal bem como a consciência da urgência da sua visibilidade. O facto de este ter sido o mais polémico filme da série Nome-Mulher, de em última instância ter acabado com ela, e ter levado aos seus autores a um julgamento em tribunal (em que

Maria Antónia Palla foi arguida, e de que saiu absolvida em 1979, muito tempo depois de um complicado processo), revela por outro lado as contradições do processo revolucionário em curso.

Faz já parte da história, a história inaudita da polémica gerada pela transmissão do filme. Na versão para cinema de 1977, de que foram excluídas as intervenções inicial e final de Maria Antónia Palla, precisamente por causa do processo judicial que havia sido instaurado à jornalista por incitamento ao crime de prática ilegal de medicina, a par de interrogatórios individuais pela Polícia Judiciária a todos os elementos da Cinequipa tentando apurar nomes e lugares filmados, um cartão final alude logo à polémica gerada pela transmissão de *O Aborto Não É Um Crime* na RTP como “uma torpe campanha anti-aborto pelos partidos fascistas e de direita, pela Igreja e pela Ordem dos Médicos”. De facto, a catadupa das queixas chegadas à RTP avolumou-se nos dias seguintes à emissão, numa acção movida por sectores conservadores que se insurgiram contra a franqueza da abordagem, as referências e as imagens explícitas de um procedimento de aborto clandestino a uma mulher. Esse momento do filme, cujo poder de choque foi medido, terá sido captado por Monique Rutler quando o operador de câmara cedeu a um desmaio. Assim o contou a realizadora revendo o filme numa sessão pública da Cinemateca, em 2014, onde Fernando Matos Silva insistiu, por seu lado, em como a palavra-chave dos filmes desta e de série congéneres da época era *liberdade*. A liberdade que estava a ser construída e que não deixou de ser cerceada, permitindo, em todo o caso, o debate.

Help! Já do início da década seguinte, *Nascer: A Grande Agressão* é realizado e montado por Monique Rutler, com créditos discriminados no quadro da série *Viagem Através do Homem* co-produzida pela Cinequanon e a RTP. O genérico socorre-se de um álbum de fotografias em planos captados de cima, um pouco como sucede em *Les photos d’Alix* de Jean Eustache, uma boa entrada. A cores, ao som dos Beatles, um grande plano de um trabalho de parto e nascimento de um bebé, põe em marcha o filme construído, por camadas, à volta dos tópicos da natalidade, do planeamento familiar, dos cuidados familiares e escolares da primeira infância, das dificuldades sentidas pelas famílias, sobretudo – *hélas* – pelas mulheres. Como retrato sociológico, tem uma dose de crueza acentuada pelo tempo decorrido. Como fenómeno sociológico, releva o facto de meia dúzia de anos após *O Aborto Não É Um Crime*, *Nascer: A Grande Agressão* ser um programa televisivo que volta a tocar no tema do aborto, a gerar polémica, a ser censurado. Agora pela direcção de programas da RTP cuja sugestão – termo da RTP – de cortes – termo usado numa intervenção na Assembleia da República documentada no catálogo dedicado ao trabalho de Monique Rutler no cinema –, questiona a liberdade que por ali passava. Não é essa a canção de Sérgio Godinho que faz parelha com os Beatles. *Sempre foi assim*.

Sempre foi assim

Dizem Sempre foi assim

Sempre foi assim

Mas está a ser diferente

Maria João Madeira